

Como promover uma Virada Educação na sua cidade?

#A escuta e a andança pelo território A qualquer pessoa que tenha desejo de iniciar a fagulha da Virada Educação, André aconselha que se circule pelo território e **escute** o que as pessoas, as instituições e o espaço tem a dizer: “No território da Consolação, a gente conversa com os educadores e com eles anda pelas ruas, entendendo como ele pode ser ocupado, percebido e conversado”. Caminhar por uma praça, se debruçar sobre as bancadas do comércio local ou falar com os moradores é um bom jeito de fortalecer uma cultura de **construção coletiva**: que eventos eles ou elas gostariam que tivesse na Virada Educação? Que brincadeiras e aprendizados eles gostariam de ver na rua? A escola, em especial, tem que ser percebida como um universo de grandezas: ao adentrar nesse espaço que tensiona e aciona relações, se deve escutar as famílias, os educadores, as crianças e os jovens: “Já são muitos os saberes no território, possivelmente presentes ou que podem ser descobertos ao seu escutar a escola”, reafirma André. É a partir dessa escuta coletiva, partida tanto dos proponentes da Virada como de quem tem interesse em fazê-la acontecer, que é possível perceber quais as demandas do território e como essa Virada pode potencializar saberes locais já vivos ali. #A partir das demandas, articular externa e internamente com o território Uma vez que as demandas estejam organizadas, é importante também compreender como quem está fora do território pode se articular: é a hora de reunir voluntários externos e internos que deem conta dos desejos por brincadeiras, atividades ou passeios que ainda estejam concretizados no território. “É importante entender o que o território está buscando, o que as

peessoas gostariam de criar, o que pode ser feito mas por nós mas que ainda não é, e como parceiras novas podem nos ajudar ao alcançar isso”, relata André. No Território Consolação, por exemplo, é sempre notório o desejo por brincadeiras, poesia e arte. Então este ano, coletivos do território como o grupo de teatro **Esparrama** - que estreita relação entre arte e território - e também grupos externos, como o coletivo musical da Guiné-Bissau **Fareta Sidibé**, fizeram parte da programação. #Cada território é um território, e é possível tirar proveito disso A atenção para com o território também pode ajudar a determinar que tipo de atividade pode acontecer dentro dele: se uma das atividades da Virada for uma caminhada das crianças pelo território, por exemplo, é importante perceber se pelo trajeto passam muito carros. Se passarem, André aconselha uma articulação com a guarda civil metropolitana, para que haja visibilidade das crianças e adultos passantes. Mas há também territórios menores, espaços mais curtos, onde a intimidade entre os passantes pode ser um grande diferencial: “Cada território oferece uma metodologia diferente. Há território que quando se está andando com as crianças, por exemplo, é possível encontrar parentes, amigos com muito mais frequência, o que mostra uma facilidade nesse território”. Nesses espaços, é importante perceber que atividades podem estreitar mais ainda os laços comunitários. #Planejar cada detalhe e se articular em rede O variado leque de atividades e experiência que acontece hoje na Virada Educação São Paulo só é possível porque as dificuldades e acertos das edições passadas se refletem em um detalhamento de cada prática realizada. Em um dos tradicionais movimentos da Virada, que é a caminhada pelas ruas, uma das estratégias desenvolvidas é de chamar as **famílias**. Mesmo que nem sempre muitas se engajem, a experiência de estar na rua com o filho ou com a filha modifica as percepções dos adultos sobre o espaço, e também ajuda a aumentar o número de voluntários que se engajam e se atentam aos mínimos detalhes do percurso. “Combinamos o horário de maneira muito detalhada, no sentido do horário que vamos sair, o tempo que vai levar, o percurso, o horário da volta, se o lanche vai acontecer durante o saída, se vai ter espaço para tomar água, fazer xixi, um lugar que

vá dar conta do número de crianças”, relata André. É também fundamental que, após o evento, se faça um diálogo para entender quais foram as dificuldades e potenciais descobertas durante o evento. #Arte como ferramenta e mudança de relação com o território Quem já se deparou com qualquer ação da Virada, sabe por mais diferentes e múltiplas que sejam, a arte está sempre presente: “A arte e a poesia são linguagens para aproximar as pessoas. Por meio da música, da palavra, do corpo, momentos são criados para que as pessoas se vejam mais íntimas e mais abertas com relação ao território”, relata André. Entender a arte e a poesia como fatores de aproximação e vínculo com território é fácil de se ver quando se presencia, por exemplo, o tradicional cortejo das crianças. “Quando a gente passa no território, quando as crianças estão cantando e um grupo de maracatu está acompanhando, isso passa a ser um ato de espanto e de encanto ao mesmo tempo, e as pessoas se perguntam ‘como é possível que isso esteja acontecendo hoje’? É um ato de afirmação da importância e da sensibilidade”. Os atos públicos também são importantes fábricas de símbolos, que personalizam o território e deixam visíveis que ali há uma escola ansiosa por dialogar para além de seu perímetro. “São símbolos que as crianças passam a ver que tem a ver com a saída em si mas também com o território, sua relação com a escola, das linguagens que deem mais cor e vida e que valem da urgência da ocupação dos espaços públicos”.